

O PROLETÁRIO

Nº 70
Dezembro de 2007

Uma Publicação mensal de Proletários Marxistas
Não aceitamos que a burguesia nos financie. Por isso se faz necessário a cobrança de R\$ 1,00 (um real) para o custeio da publicação do jornal.

90 anos da Revolução Russa	01-03
A Urbanização e os urbanistas do capital	03- 05
APEOESP – CONGRESSO ESTADUAL	05-08
Educação e avaliação	08-10
O “NOVO” IMPERIALISMO?	10-13
As distorções de Marx em nome do mesmo	14
O Esporte como recurso para apaziguar as massas e para a conciliação de classes	14-15
Próximas Atividades	15
Chamado de emergência às organizações operárias de todo o continente	16-24

Venham para os grupos de estudo de Marxismo
Se inscrevam com os distribuidores de o Proletário

Contatos:

Jornal *O Proletário*

Caixa Postal n.º 140 CEP 09910-970, Diadema, São Paulo

90 anos da Revolução Russa

“A velha Rússia não mais existia. A sociedade humana retornara ao primitivo estado de fusão. E, sobre o encapelado mar de chamas, onde a luta de classes se desenvolvia rude e implacavelmente, lentamente, a frágil casca de novos sistemas.”

Com as palavras acima, John Reed consagra em seu livro *Os dez dias que abalaram o mundo* a marcha da Revolução Russa de 1917. O evento histórico que guinou a vida dos explorados, oprimidos e lutadores muito além das fronteiras da Rússia. Se as sucessivas guerras imperialistas, os holocaustos engendrados pela burguesia, foram responsáveis por levar os proletários e oprimidos do mundo ao desespero, eis que a Revolução Russa contrapondo-se e ressuscitando a esperança e a coragem aos quatro ventos postando-se contra a barbárie da carnificina capitalista e dotando, ineditamente na história, os operários, camponeses, soldados, a juventude e explorados oprimidos do domínio de seus destinos.

A Revolução Russa significou a prova histórica da justeza das lutas dos proletários e oprimidos empreendidas até então, quando todo o arcabouço das classes dominantes para a manutenção de seu “Estado de Direito” — assentado sobre a propriedade privada dos meios de produção; acumulação das riquezas através da exploração de mais-valia e especulações e câmbios monetários; a submissão da absoluta maioria na miséria em prol de minoria abastada pela divisão das classes; a falácia da melhoria das condições de vida pela lei da “livre concorrência”; a pauperização maciça dos operários e camponeses; a política de saques, trustes e guerras para expandir seus mercados — era varrida pelas medidas que o proletariado revolucionário da Rússia (além das revoltas em outros países) empreendia na Rússia no bojo de sua Revolução Socialista: a coletivização dos meios de produção sob o

controle dos produtores; a expropriação da burguesia; a planificação econômica; a consolidação de um governo constituído pelo conjunto dos soviets de operários, camponeses e soldados em luta; o combate as guerras e às anexações de povos e países; o domínio pela força, daqueles que se defendem, de seus próprios destinos — a Ditadura do Proletariado.

Estas bandeiras tão almejadas pelos oprimidos do mundo, até então encobertas com o seu próprio sangue, fizeram-se de vez vermelhas e puderam, enfim, ser hasteadas — pela primeira vez — com a Revolução Russa. Assim, este evento veementemente abalara as estruturas de opressão das classes dominantes de todo o mundo. Pelo especial significado que tinha a revolução diretamente a todo operário, mineiro, estudante, soldado e camponês, a todo soviete de oprimidos constituído pela luta, que os impelia a rebelar-se e assumir o seu Programa Revolucionário Internacional.

Compreendia, pois, a Revolução Russa, a III Internacional Comunista. Internacionalismo este dado pela condenação da Guerra Imperialista e daqueles que nela se aventuravam incitados pela ganância capitalista. Internacionalismo dado pela ruptura com a política da II Internacional Amarela de Amsterdã que apoiou os créditos de guerra para dirimir a resistência organizada dos oprimidos.

Hoje, 90 anos após este evento, suas lições são encobertas ou dissimuladas, senão ignoradas, pela maioria da massa aflita que deveria empunhá-la. Mas não menos temida pela burguesia mundial que reconhece o perigo dos preceitos do Socialismo Científico para seus interesses nefastos e para a estrutura de seu sistema de acumulação de riquezas.

A consigna de “Socialismo em um só país” constituiu-se realmente na abolição do internacionalismo da classe operária e, assim, da própria Revolução Vermelha. Pois — quando na luta encarniçada contra a

aliança burguesa de contra-revolução, empunha-se os métodos terroristas de conquista e submissão de povos herdados da burguesia; quando se aborta o Programa da III Internacional das tarefas revolucionárias a serem realizadas sem demagogias; quando da negação do caráter permanente da revolução de que toda e qualquer empreitada deve ser assumida pelo conjunto dos soviets em luta a qualquer momento, posto que não há nem sombra de progressividade na democracia burguesa, na social democracia ou da aliança com estas; – infringe-se trágica e mortalmente, passionalmente, um golpe na Revolução Mundial.

Muito embora a revolução mundial possa haver estalado num país encrudelecido industrial e economicamente como na Rússia, a sabedoria bolchevique, encabeçada por Lênin e Trotski mais expressivamente, nunca ignorou a importância e necessidade internacionalista. Posto que declaravam desde muito que *a sorte dos proletários dos países avançados europeus e dos norte-americanos, de suas insurreições, era a mesma da Revolução Russa*. O desmantelamento de suas sublevações significava e significou para Rússia, em seu isolamento no combate às alianças burguesas.

Para conquistar o poder o proletariado urbano, os camponeses (e os soldados russos) necessitaram da clareza e comprometimento da vanguarda revolucionária fundida em seus organismos e aos seus interesses históricos na luta concreta. As Teses de Abril configuraram o amadurecimento da Revolução Permanente, compreendendo que quando estourado a sublevação num país com essas características, um governo assentado sobre o programa revolucionário e a hegemonia soviética, haveria de empreender permanentemente as “*tarefas burguesas*” de desenvolvimento e infra-estrutura antes maliciosamente designadas aos capitalistas pela social-democracia. A Ditadura do Proletariado é, pois, imprescindível e

irrenunciável. Trata-se do programa a ser adotado, ainda hoje, frente ao quadro de desenvolvimento desigual e combinado disseminado no capitalismo.

Contudo, quando esse governo operário e camponês (em sua insurreição) assume estas tarefas, não pode empreendê-las isoladamente. O internacionalismo proletário pressupõe o sufocamento da reação burguesa e não o contrário. Uma nação obrigada a assumir sozinha estas tarefas está fadada a sucumbir à pressão da contra-revolução capitalista. Logo que, a Rússia Vermelha assolada incessantemente pela guerra viu-se obrigada a adotar medidas emergenciais que desconfiguravam paulatinamente seus preceitos revolucionários mais amplos em função de conter seus problemas internos intensificados pelo isolamento. Situação que a burguesia mundial soube aproveitar muito bem, gestando sorrateiramente os conflitos e perseguições que levariam Stalin ao poder e o assassinato dos quadros revolucionários da Rússia e do mundo afora.

Tomar a “exceção pela regra”, foi a doutrina adotada pelo stalinismo como prerrogativa para justificar: sua política de anexações (e secretamente seus campos de concentração); a supressão da autonomia e representatividade soviética até a sua dissolução; as concessões à classe burguesa e à aristocracia operária; as transações com a burguesia internacional; a renúncia aos preceitos do socialismo revolucionário, ao programa revolucionário mesmo; ao estrangulamento da III Internacional; o “Socialismo em um só país”.

O extermínio dos quadros revolucionários é mesmo a ferramenta mais precisa da burguesia. Encoberta, todavia, pela ideologia burguesa que, não necessariamente, é disseminada pelos carrascos a seu serviço. Assim como as classes dominantes propagam o fim do *Socialismo* com a queda do muro de Berlim, existem os pseudo-revolucionários que o concebem (o muro) como sendo um

marco do *Socialismo*. A III Internacional Comunista não construiu muros, zonas ou campos de concentração (quem o fez foi a burguesia e o stalinismo), mas derrubou as fronteiras edificadas entre os proletários lutadores de seus respectivos países. A polarização do mundo como descrito nos meios oficiais da didática burguesa, significou o estrangulamento da revolução mundial e o retorno à carnificina capitalista interrompida pela Revolução Russa.

Pela traição da Revolução Russa, pelo advento do stalinismo e a proliferação dos pseudo-trotskistas somando-se às

fileiras da burguesia, é que a IV Internacional Comunista urge implacavelmente imprescindível e inevitável. Mas para pari-la é necessário promover a luta tenaz e transparente como o *resgate programático* de combate à ideologia burguesa e ao reformismo imobilista e promover, assim, a *reorganização revolucionária*.

Ainda mais viva e latente que a Revolução Russa hoje, é a necessidade de engajarmo-nos novamente no curso histórico que ela irrompeu.

A Urbanização e os urbanistas do capital

Muito de se tem discutido entre os capitalistas, grandes empreendedores, empresas multinacionais e poder imobiliário e financeiro, incluindo os representantes do Estado (Prefeitos, Secretários e Governo) os rumos da reurbanização dos centros urbanos. No geral, as grandes discussões do “Estado democrático” ou das administrações participativas se resumem na sua essência a este fórum de discussão e deliberação, por mais que em algumas Prefeituras se esforcem para apresentar formalmente (fazer demagogia) as discussões no plano mais geral, orçamento participativo e discussão de Plano Diretor.

Na modernidade das PPP (Parcerias Público-Privadas) o Estado, que nasceu como um destacamento armado em favor da classe que se constituía proprietária e que impunha “ordem” nos conflitos animalescos das várias fases da barbárie, adotando pela primeira vez na história os princípios da sociedade dividida em classes, a democracia.

Na história, a democracia foi se aperfeiçoando como forma de administração do capital e de gestão dos negócios das classes no poder. Esta gestão, no período de desenvolvimento do

capitalismo, tratou de manter as aparências do Estado e da própria democracia como se estivesse acima das classes sociais e um Estado de todos, esforçando-se em fazer distinção entre o público e o privado.

Com a crise estrutural do sistema calcado sob o modo de produção da propriedade privada, o sistema capitalista da atualidade, o Estado tem demonstrado mais claramente seu verdadeiro papel. As Parcerias Público-Privadas não poderiam deixar de expressar estes fatos.

A vida, as transformações, o envelhecimento/rejuvenescência e mudanças de localidade em uma metamorfose são teleguiadas pelo desenvolvimento das forças produtivas e do capital às cidades metrópoles como centros do capital.

As transformações dos grandes centros urbanos se mesclam no poder do capital e do Estado moderno das PPP. Analisamos brevemente alguns aspectos das mudanças ocorridas e em pleno desenvolvimento dos processos de reurbanização de São Paulo.

O Centro Velho do século XVI se desenvolveu ao toque do desenvolvimento econômico colonial e religioso. O centro econômico cafeeiro foi moldando uma nova centralização, na Avenida Paulista, que rapidamente passa a ser o centro do capital Industrial e financeiro da metrópole. Mas o Centro antigo se deteriora à mercê das PPP e da reurbanização.

O espaço/tempo transforma-se com uma tal velocidade que, para uma geração é uma eternidade, mas, para a história, vem com rapidez sem precedente. Vivemos na atualidade em São Paulo, em termos de urbanização e do movimento da centralidade do capital, uma transformação colossal.

Os antigos prédios, outrora arranha-céu modernos viraram cortiços. Toda uma engenharia do Estado se esforça por dar uma ancora segundo as novas legislações da PPP aos novos investimentos do grande capital. A par da reurbanização do centro velho comparece a substituição da Avenida Paulista e seu centro industrial e financeiro outrora moderno.

A modernidade, a segregação e exclusão social se avolumam

Juntamente com o envelhecimento do primeiro centro do capital se desenvolve o comércio, os centros culturais da elite, os raros centros de Educação Pública, os bairros operários, sub-regiões, descentralização industrial. Se expandindo a megacidade em outras grandes cidades e regiões, outrora periféricas, dentro de uma conformação do desenvolvimento desigual e combinado, ou seja, combinando o alto desenvolvimento dos meios de produção alcançado no mundo capitalista com o desenvolvimento atrasado de nosso país semi-colonial.

A modernidade do desenvolvimento dos meios de produção, a concentração do capital não deixa pedra sobre pedra e o novo fica velho rapidamente. Os outrora arranha-céu dão lugar ao novo centro industrial e financeiro da Avenida Paulista e

agora, ambos os centros capitalistas, ficam ultrapassados. Sob o signo das parcerias público-privadas, nas Leis do desfavelamento, nas chamadas operações interligadas e por fim, nas operações urbanas conforma-se novos espaços urbanísticos. Refletindo a marca do tempo e do “desenvolvimento” sob o marco da irracionalidade humana e direcionada pelo poder do capital na conformação do novo Centro Industrial e Financeiro de São Paulo da Avenida Luís Carlos Berrini (ver *Parceiros da Exclusão* – Mariana Fix – 2007).

Este novo Centro empresarial, industrial e financeiro de São Paulo se instala à custa da parceria do poder público com o capital privado, sendo injetadas somas infindáveis de dinheiro público. Conforma-se com a expulsão dos trabalhadores pobres, favelados, desempregados, ambulantes etc, como o despejo efetuado pelo poder público de terra pública para beleza e valorização do novo altar do grande capital de São Paulo, como o despejo ocorrido no último dia 11 de dezembro de 2007 da Favela Real Parque, em São Paulo.

As regras de reestruturação do espaço e da urbanização com algumas variantes se aplicam no mundo inteiro seguindo os “princípios” do grande capital, também, por toda a gama de partidos, desde os chamados de direita aos de esquerda que assumam o poder estatal.

O Município de Diadema, SP (região do ABCD), que na década de 80 se conformava no espaço urbano dentro de um tempo próprio, serviu como hospedeiro de mão de obra barata consentida pelo aparato do Estado, nos morros, fundos de vales, em terras públicas ou particulares, um acentuado afavelamento que se constituía de 1/3 da cidade para que, assim pudesse colaborar no abastecimento de mão de obra barata às multinacionais.

Já na década de 90, com a crise e introdução da reestruturação produtiva, o excesso de mão de obra, além do suficiente exército de reserva, com a valorização das

terras e esgotamento destas nos centros comerciais e imobiliários, o afavelamento foi rigorosamente tratado com a mais violenta repressão e despejos. Para amortecer um pouco os conflitos, o poder público municipal, por orientação de um reformismo em termos de habitação e norteado pela crise estrutural do capitalismo, institui o Zoneamento de Interesse social e as AEIS em que permitia loteamentos sociais de até 42 metros quadrados.

Hoje, com a escassez de terras e a conseqüente valorização, o capital imobiliário, os grandes empreendedores e o capital financeiro juntamente com o poder público local não permitem nem mesmo as

AEIS. Entraram de vez nas PPP e nas operações urbanas e mudaram rapidamente o Plano Diretor. No lugar das AEIS, as operações urbanas darão lugar aos corredores comerciais, industriais, e de residências atendendo o que eles chamam de “classes A e B”(grande e pequena burguesia abastada), rejeitando categoricamente em uma segregação social PETISTA as classes “C e D”. O pobres, os favelados, os subempregados, os filhos dos trabalhadores residentes na cidade terão que ser exportados para novos afavelamentos em locais distantes e agora, devido à crise estrutural do sistema capitalista, para um espaço no tempo da barbarização capitalista.

APEOESP – CONGRESSO ESTADUAL

Informes gerais

O XXII Congresso estadual da Apeoesp se realizou nos dias 07, 08 e 09 de novembro de 2007, na cidade de Serra Negra – SP e, teve a participação de 2 243 delegados eleitos durante o mês de setembro do corrente ano, nas Conferencias Regionais, proporcionalmente ao número de votantes de cada tese apresentada.

Foram apresentadas para a primeira plenária geral do Congresso as 15 teses constantes do caderno de teses, porém os expositores de cada tese só tiveram 08 (oito) minutos para a sua apresentação; em 2006 foram 15 minutos para cada expositor.

É importante lembrar que o número de pré-delegados eleitos nas escolas estaduais para participar das Conferencias Regionais para a tirada de delegados ao Congresso é na proporção de 1 para 10 professores sócios (Estatuto da entidade); nós entendemos que para aumentar o número de professores participantes nos encontros de preparação aos Congressos – encontros de base, faz-se necessário que não haja corte, ou seja, 1 para cada 10 professores na base, ao contrário do que sustenta a social democracia, stalinistas e os

reformistas de plantão em geral, ou melhor, os seguidores da política burguesa de conciliação de classes e de manutenção das estruturas burguesas de poder do sistema capitalista.

Em relação ao Congresso anterior, esse número foi bem menor, pois, a proporção de delegados eleitos por subsele era na proporção de 1 para cada 50 professores sócios, ao contrário de hoje que, segundo a emenda estatutária aprovada em 2006 pela ArtSind, a proporção passou a ser de 1 para cada 70 professores sócios.

Os critérios para retirada de delegados ao Congresso da CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação mudou; antes era proporcional ao número de sócios por subsele da Apeoesp e a partir daí repartidos proporcionalmente entre as correntes políticas. PT e PC do B mudaram as regras do jogo – tiraram a autonomia das subseles e das correntes políticas; a proposta da ArtSind e da Corrente Sindical Classista foi a seguinte: não mais dividiria o número de delegados que a Apeoesp tem direito às subseles e sim por chapas no próprio Congresso em curso.

E assim foi: Chapa 1- PT e PC do B; Chapa 2 – O conjunto das oposições; a Chapa 1 obteve 1207 votos com 58% de participação; a Chapa 2 obteve 869 votos com 42% de participação; o número de delegados da Apeoesp ao Congresso da CNTE é de 296 e 59 suplentes.

Para nós da Oposição Revolucionária coube 04 (quatro) delegados mais 01 (um) suplente.

BALANÇO DO CONGRESSO

Entendemos que as burocracias sindicais funcionam como um apêndice do estado burguês e, portanto agem sistematicamente para barrar as massas trabalhadoras em suas lutas por ampliar ou manter os direitos já conquistados. Pois liberar as massas para que se manifestem livremente significa a morte desses burocratas.

A política da burguesia imperialista acaba sendo assimilada e aplicada, como orientação, nos sindicatos. Se os burocratas sindicais ousarem confrontar-se com esta burguesia, terão as benesses e mordomias cortadas. E isso eles (os burocratas) não querem perder.

A conformação dessa política orquestrada pelos ditames da burguesia imperialista tem se concretizado no teor das reformas aprovadas ou em curso pelo mundo afora. As reformas imperialistas que em parte já foram aprovadas no Brasil (Reforma Sindical, Trabalhista e Lei de Antigreve) são prova cabal disso. Os dados apresentados na introdução desta matéria condizem com o conteúdo da reforma sindical em curso e com a sua implementação também já em curso.

Por incrível que pareça, o grande auge de luta dos professores da rede estadual se encerrou no ano de 2000, quando da sua última greve. De lá para cá as coisas pioraram demais. Vejamos: Lula/PT se elege presidente em 2002 e em 2006 se reelege novamente; com o advento das principais reformas impostas pela burguesia imperialista, o movimento

sindical e popular em geral, assim como o movimento estudantil teve um declínio bastante acentuado; nesse período várias categorias entraram em luta com um grau de fragmentação superior aos períodos anteriores.

Esse processo se deu devido às lideranças desses movimentos estarem todos comprometidos com a política reformista do governo Lula, além de muitos destes fazer parte do governo. Nesse sentido, o controle dos movimentos pelas burocracias, sem exceção, aumentou consideravelmente e, conseqüentemente as derrotas para os trabalhadores em geral foram uma constante.

Para a burguesia e na atual fase de crise do capitalismo – crise de superprodução, a eminência de um levante internacional dos trabalhadores é real, pois seus direitos estão sendo constantemente atacados e, isso é global; a burguesia para controlar a situação e aumentar os saques se mantendo no poder necessita controlar as massas proletárias e a burocratização dos Sindicatos é o indicativo de sucesso.

O Estado burguês com o advento do neoliberalismo cada vez mais tem ficado com o papel de controle social, além de repassar os negócios (empresas) que antes era administrado por ele para as mãos da burguesia imperialista; os direitos trabalhistas também são repassados pelo estado para os capitalistas – os governos tem feito isso como ninguém já mais viu.

O parlamento burguês apesar de desmoralizado, ainda consegue iludir as massas pelo poderio econômico ao utilizar o sufrágio universal para manter em primeiro lugar as massas no atraso político e, em segundo as estruturas de funcionamento e de controle social-ideológico intocável. Um outro papel do parlamento, principalmente, na atual conjuntura da economia mundial e de crise do capitalismo tem sido o de ajudar os governos e burguesia imperialista retirar conquistas do povo trabalhador.

Uma outra parceira dessa política é a igreja, pois mantém o povo oprimido sob

os efeitos das rezas e dos cantos melancólicos – é o ópio do povo; sem exceção, exercem total controle ideológico sobre o conjunto dos explorados, explorando-os até os últimos centavos, além de fazê-los acreditar que o principal remédio para os seus problemas é a salvação eterna após a morte.

De carona, os reformistas de plantão como PSTU, PSOL e tantos outros que almejam alcançar o poder político através do parlamento burguês e do voto se alinham e fazem uma combinação perfeita com a igreja – instituição imperialista. Para todos eles a luta direta nunca é prioridade, ao contrário é preciso que o poder da burguesia não seja confrontado, pois seria um péssimo negócio para os seus objetivos eleitoreiros.

COMO SE COMPORTAM AS BUROCRACIAS SINDICAIS?

No Brasil e no mundo essas burocracias se comportam assim como a burguesia se comporta diante dos problemas vividos pelo proletariado, ou seja, o que o Estado burguês faz é mais que normal, pois a muito tempo assimilaram a política de conciliação de classes e a idéia de que mesmo na barbárie capitalista é possível sobreviver com muito pouco ou até mesmo nada e ainda com passividade – faz parte da democracia, a democracia do viver em meio a fome e violência.

Mas, o proletariado mesmo controlado pelo Estado burguês e pelas burocracias sindicais e populares aqui e acolá se manifesta bravamente. Exemplo: greve geral na França e piquete dos imigrantes; no Brasil, este ano houve greves de distintas categorias e em vários estados como Pernambuco, Maranhão, Alagoas, São Paulo; greve de estudantes e ocupação de reitorias em vários estados brasileiros.

Porque será que as lutas são tão fragmentadas e quase sempre não dão retorno aos lutadores? É, diante dessa grande questão, parece que temos alguns problemas para resolver: um primeiro

problema é a falta de direção revolucionária do proletariado, ou seja, o partido mundial da revolução social; caso este quadro se resolva, a questão das burocracias incrustadas nas organizações operárias, a unificação das lutas e a própria consciência de classe é questão de tempo.

A BUROCRACIA PETISTA, PECEBISTA E SUAS VARIANTES

Essas burocracias que atuam nos movimentos sindicais, estudantis e populares têm cumprido um importante papel para a burguesia e seus governos; os movimentos em geral não mais radicalizam no sentido de se contrapor a ordem do regime e sua democracia formal; as mobilizações dos trabalhadores em greve ou não, quase sempre não passam de fortes pressões parlamentares e aos próprios governos para que os atendam e com muito diálogo. Quando há radicalismo é dentro da ordem burguesa e na lógica da conciliação de classes, porém em detrimento dessa lógica e da formalidade os direitos trabalhistas estão saindo pelo ralo.

E O CONGRESSO DA APEOESP?

Há, esse não se difere em nada dos demais, mesmo porque o PT com seus aliados ocupa o poder central, além de outros periféricos (cidades, estados, câmaras municipais, etc.); pior do que o anterior é muito pouco. Mas isso não era novidade para nós, pois o controle do movimento dos professores é o mesmo dos outros movimentos, ou seja, tem características semelhantes. Esse controle é reflexo do que se expressa no conteúdo das reformas imperialistas aprovadas ou em curso no Congresso Nacional pelo governo Lula.

De um lado, a ArtSind/PT e PC do B (em maioria) radicalizando contra a política do governo Serra/PSDB para a educação pública, pois segundo eles os problemas da educação pública paulista não têm haver com o seu governo central; nem a

CUT ou qualquer outra central sindical tem haver com a retirada de direitos trabalhistas ocorridos nos últimos anos, mesmo que essas estejam direto ou indiretamente participando do governo ou até mesmo aplicando sua política. De outro, o PSTU e suas variantes com seu discurso radical colocando a culpa dessa atual política econômica e por implementar as reformas já em curso no governo Lula.

O verdadeiro debate dessas duas alas se deu em torno do plebiscito sobre a desfiliação da Apeoesp da CUT, proposta essa encabeçada, majoritariamente, pelo PSTU. O PSTU e sua Alternativa na Apeoesp saiu derrotado em função de sua política de disputa aparelhista no seio do movimento sindical, cuja pretensão era clara, a de posteriormente filiar a CONLUTAS – mero oportunismo do PSTU; a comprovação desse oportunismo está na condução de sua política que ao nosso ver, desde que a CONLUTAS foi

fundada no CONAT, até agora em nada se diferenciou da CUT chapa branca.

As táticas, suas manobras e estratégia do PSTU são semelhantes a dos outros partidos burgueses e de “esquerda”. Todos esses trabalham na lógica do reformismo burguês e de conciliação de classes, mantém intactas as estruturas burguesas de exploração sobre os trabalhadores, assim como trabalham com o atraso político no seio das massas oprimidas, ou seja, educando as mesmas para um só caminho: o caminho do voto e das eleições burguesas.

Os trabalhadores sempre lutaram e querem lutar, principalmente, quando se trata de direitos essenciais para a sua sobrevivência. E porque quase sempre nas suas lutas sofrem derrotas? É justamente por causa da atuação política dos reformistas travestidos de socialistas. Para eles o modo como os trabalhadores devem agir em defesa dos seus direitos deve ser sob a lógica do pacifismo burguês.

Educação e avaliação

De qualquer ângulo que se olhe a educação no Brasil percebe-se que ela vai mal, muito mal. Um processo de degradação do ensino público que vem de longa data, mas que agora chega a níveis alarmantes. É uma clara prova de que essa política que vem sendo implementada pelos governantes, nas esferas municipal, estadual e federal, precariza cada vez mais a educação brasileira, levando ao fracasso escolar milhares de jovens estudantes.

Os últimos resultados de testes como a Prova Brasil, o Saeb, O Enade, o ENEM etc, mostram claramente esse quadro. O Ideb, Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, que usa conjuntamente os resultados da Prova Brasil e do SAEB, aponta que a média não passa de 5 em 73% dos municípios brasileiros. Segundo o MEC, a meta até 2021 é atingir a nota 6, que equivale ao padrão médio de

aprendizagem dos “países desenvolvidos” avaliados pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

A falácia dos órgãos oficiais é a de que tais índices irão *permitir às autoridades educacionais identificar problemas pedagógicos, definir prioridades de investimentos e distribuir recursos humanos e técnicos para o setor*. Pura falácia! Efetivamente, os recursos não são aplicados na educação, havendo constantes desvios de verbas para pagamento das dívidas interna e externa, sem falar na corrupção e roubo generalizada.

Não nos esqueçamos que a OCDE é um organismo da ONU (Organização das Nações Unidas) e que seu objetivo não visa melhorar a educação para as massas populares. Estão interessados mais naquilo

que chamam de “desenvolvimento econômico”, ou seja, tornar a educação um produto rentável voltado exclusivamente para o mercado de trabalho. Basta observarmos a disseminação de cursos de formação de tecnólogos, em detrimento dos cursos de formação de Humanas e até mesmo de matemática. É preocupante também a disseminação de cursos de formação à distância em todo o Brasil, via *internet* ou tele-salas. Prova de que a educação vem sendo transformada num produto para o mercado, em detrimento de uma formação mais crítica e voltada para o conhecimento científico acumulado pela humanidade e o ensino à distância elimina o contato entre as pessoas (isto é, do contato entre professores e alunos, dos debates etc). Não há porque não dar importâncias às (novas) tecnologias ou mesmo utilizá-las, mas pessoas aprendem com pessoas.

Aqui no Estado de São Paulo, detentor do maior PIB do país, com mais de 12 anos de administração do PSDB, os resultados são os piores possíveis. Não somente em termos dos resultados das avaliações (oficiais), mas, principalmente, em termos da qualidade (ou da falta dela) na educação oferecida às massas trabalhadoras.

Recentemente, os meios de comunicação noticiaram o sofrível 54º lugar obtido pelo Brasil no PISA¹ - 2006 (Programa Internacional para a Avaliação de Alunos), dentre os 57 participantes. O desempenho do País foi o pior da América Latina, ficando atrás, por exemplo, da Colômbia.

E eis como se sai o Estado de São Paulo:

- ✓ Na categoria Leitura, São Paulo está em 11º entre os estados brasileiros, atrás do Rio de Janeiro, Minas, Sergipe, Espírito Santo e Paraíba, por exemplo.

¹ Programme for International Student Assessment

- ✓ Em Matemática, São Paulo é o 11º, atrás do Rio de Janeiro, Minas, Espírito Santo, Sergipe e Rondônia.
- ✓ Na categoria ciências, o desempenho de São Paulo é ainda pior: está em 12º lugar, atrás de Rio de Janeiro, Minas, Espírito Santo, Sergipe, Goiás, Rondônia e Paraíba.

Os números falam por si.

Notas explicativas

- O Pisa é uma avaliação patrocinada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) que visa traçar um panorama mundial da educação com a aplicação de testes trienais nas diversas áreas do conhecimento. Realizado pela primeira vez em 2000, o Pisa enfatizou a proficiência em leitura. As avaliações do PISA incluem cadernos de prova e questionários, com ênfases distintas em três áreas: Leitura, Matemática e Ciências. Em cada edição, o foco recai principalmente sobre uma dessas áreas.
- Em 2000, o foco foi em Leitura. Participaram 29 países membros da OCDE, além de Brasil, Letônia e Rússia. Para a próxima edição do Pisa (em 2003), Chile, Peru e Tailândia estão com presença confirmada.
- Em 2003, a prioridade foi dada à Matemática. Participaram da prova 250 mil adolescentes com 15 anos de idade em 41 países, sendo 30 deles membros da OCDE e os demais, convidados. Da América Latina, participaram Brasil, Uruguai e México.
- Em 2006, a avaliação teve ênfase em Ciências. Um total de 57 países

participaram desta edição do PISA, abrangendo mais de 400 mil alunos. Esta amostra representa mais de 20 milhões de estudantes dos 57 países. No Brasil participaram 625 escolas de 390 municípios de todas as unidades da federação, abrangendo um universo de 9295 alunos.

Apurados os resultados de matemática, o País ficou em 54º lugar, depois dele ficando apenas a Tunísia, o Catar e o Quirguistão ! O resultado é praticamente o mesmo obtido no PISA de 2003, e certamente mostra a debilidade do ensino básico no Brasil.

O “NOVO” IMPERIALISMO?

Neste número de O Proletário, iniciaremos coluna de resenha e debate teórico sobre a “O novo imperialismo”, de David Harvey, começando pelos capítulos 1 e 2. Nos próximos números, daremos seqüência à análise do restante do livro (cap. 3 ao cap. 5); em seguida, iniciaremos o livro “Dialética da Natureza”, de Friedrich Engels.

David Harvey inicia seus escritos falando dos objetivos da presente obra

Capítulo 1

- Meu objetivo é examinar a atual condição do capitalismo global e o papel que um “novo” imperialismo poderia estar desempenhando em seu âmbito. Faço-o da perspectiva da longa duração e pelas lentes daquilo que chamo de materialismo histórico-geográfico. - página 11

1- A transição do império informal americano pelo império formal constitui-se nos traços do novo imperialismo, vide guerra e ocupação do Iraque.

2- O episódio do golpe contra Hugo Chávez em Venezuela em abril de 2002 se assemelha ao golpe e tirania da derrubada de Salvador Allende em 11 de setembro de 1973.

3- A crise interna da economia americana precisava encontrar alguma forma de entretenimento e fatos internacionais poderiam ser a alternativa para desviar as atenções da população colocando em novo e melhores patamares a autoridade do governo americano que chegara ao poder em processo tumultuado, por via judicial.

O 11 de setembro lhes proporcionava a oportunidade, desde que eles pudessem vincular Saddam a e Al Qaeda. Estando a maioria da opinião pública americana indiferente e desinformada com respeito a quase tudo o que se refira à geografia, foi bem fácil transformar a caça aos terroristas numa campanha de perseguição e remoção de Saddam – página 22.

Foi com tudo, naturalmente, o 11 de setembro que forneceu o ímpeto para romper os hábitos dissolutos dos anos 1990. Ele proporcionou a abertura política não só para afirmar um propósito nacional e proclamar uma solidariedade nacional como também para impor a ordem e a estabilidade civil em casa. Foi o combate ao terrorismo, que permitiu ao Estado acumular mais poder. O envolvimento com o Iraque foi bem mais do que mera manobra diversionista das dificuldades domésticas - foi uma grande oportunidade de impor um novo sentido de ordem social em casa e de submeter a comunidade. As críticas foram silenciadas como atitude antipatriótica. O inimigo externo malévolo tornou-se a força primordial por meio da qual exorcizar ou domar os demônios que espreitavam no interior. Essa relação entre as condições internas do poder político desempenhou um papel relevante, embora amplamente oculto, na dinâmica que alimentou o conflito com o Iraque. Teremos mais de uma ocasião para voltar a isso – página 23/24.

Tudo pelo petróleo

4- O autor não concorda com esta estreiteza, é mais alem.

Há no entanto uma perspectiva ainda mais ampla a partir da qual entender a questão do petróleo. Ela pode ser apreendida na seguinte proposição: quem controlar o Oriente Médio controlará a torneira global do petróleo, e quem controlar a torneira do petróleo poderá controlar a economia global, pelo menos no futuro próximo – página 25.

O sucesso das iniciativas norte-americanas foi claro. Entre 1940 e 1967, empresas dos EUA aumentaram seu controle das reservas de petróleo do Oriente Médio de 10 por cento a algo próximo de 60 por cento, ao mesmo tempo em que as reservas sob controle britânico caíram de 72 por cento em 1990 para 30 por cento em 1967 – página 26.

Caso tenham sucesso na promoção da derrubada de Chávez e de Saddam, se puderem estabilizar ou reformar um regime saudita armado até os dentes que hoje se baseia na profunda instabilidade do governo autoritário (e correndo o perigo iminente de cair nas mãos do islamismo radicalizado), se eles conseguirem passar (como parece que è provável que venham a querer) do Iraque ao Irã e consolidar uma presença militar estratégica nas repúblicas asiáticas centrais e, desse modo, dominar as reservas petrolíferas da Bacia do mar Cáspio, os Estados Unidos poderão, mediante o firme controle global, alimentar a esperança de manter o controle efetivo da economia global nos próximos cinquenta anos - página 29/30.

5 - A importância do fator petróleo para a indústria armamentista e para o militarismo de todo o planeta. Assegurando o controle desta região estratégica do planeta e do petróleo se assegurará do controle militar também do globo.

2

Como o poder norte-americano se expandiu

6- Imperialismo de estado e o império financeiro (capitalista) o autor parece apresentar diferenciação e conclui:

O fundamenta é ver igualmente inegável que essas duas lógicas se entrelaçam de formas complementares e por vezes contraditórias. A literatura sobre o imperialismo e o império supõe com demasiada frequência um fácil acordo entre elas: que os processos político-econômicos são guiados pelas estratégias do Estado e do império e que os Estados e os impérios sempre agem a partir de motivações capitalistas - página 33/34.

A lógica do território e a lógica do capital

7- Fala do imperialismo de território e do imperialismo do capital e de uma inter-relação. Fala de um ultra-imperialismo nos moldes de Kautsky página 38 - Uma confusão sem dizer nada de novo concretamente.

A hegemonia

8- Refere-se a Gramsci e ao termo de hegemonia pelo exercício do poder político mediante a liderança e o consentimento dos governos, em oposição ao poder político exercido na forma de domínio via coerção. Refere-se a Arrighi em que acentua a acumulação de poder coletivo como base constitutiva sólida hegemônica no âmbito do sistema global - página 38.

Conclui que “o dinheiro, a capacidade produtiva e a força militar são os três pilares em que se apóia a hegemonia no âmbito do capitalismo” – página 43

Os desvios de Marx ficam acentuados:

9- A ascensão dos imperialismos burgueses: 1870-1945.

Arendt afirma que o imperialismo surgido por volta do final do século XIX foi “antes o primeiro estágio do domínio político da burguesia do que o último estágio do capitalismo” Há substanciais dados a sustentar tal asserção – página 43,

Nesta afirmação se apoiando em Arendt o autor vai deixando claro sua visão e mesmo falando em nome de um Marxismo vai se afastando deste em paços largos e em uma velocidade galopante. Olhando com atenção a posição do autor sobre o Imperialismo, o mesmo nega a obra de Lenine: Imperialismo, fase superior do capitalismo e mais, nega toda conceituação de capital financeiro advindo da fusão entre o capital bancário e industrial. Afirma que o imperialismo se resumiu no primeiro (estágio) de dominação política da burguesia.

A citação de epidemias de crise de superprodução do Manifesto Comunista e trocada por crise de sobreacumulação – quais as diferenças?

A primeira grande crise de sobreacumulação capitalista (definida prioritariamente como um excedente de capital para o qual não há meios lucrativos de emprego – mas ver o capítulo 3 para um exame mais amplo) foi o colapso econômico, no nível de toda a Europa, do período 1846-1850, colapso que fez surgir movimentos revolucionários burgueses (tendo havido uma participação um tanto importante da classe trabalhadora) em todo o continente - página 43.

10- O autor na citação acima troca o conceito de Marx de crise de superprodução pelo conceito de sobreacumulação capitalista.

Hora, trocar como se nada se diferencia produção de mercadorias em excesso crise de superprodução por produção excedente de acumulação capitalista (sobreacumulação capitalista) é desvirtuar toda a base material em que se assentou Marx. É cair em um idealismo sem precedente. Esta posição do ator ficara mais clara quando analisado o capítulo 3 em que remeterá a crise capitalista a uma má repartição da acumulação e não ao regime de propriedade privada de exploração da mais-valia.

As arremetidas para um reforçar academicismo da “rama Geográfica” faz o autor remeter ao território valor que acaba por distorcer outros conceitos.

11- A noção de “ordenações espaço-temporais (nação Estado)” do autor, em substituição aos antigos imperialismos de Estado territorial “(como os dos impérios Austro-Húngaro ou Otomano) ou os convertesse (como na Grã-Bretanha) a uma lógica definitivamente capitalista. A consolidação do poder político burguês no âmbito dos Estados europeus foi portanto uma pré-condição necessária a uma reorientação da política territorial segundo os requisitos da lógica capitalista” – página 44.

12- Nosso professor de Geografia vai colocando por terra um a um os conceitos Marxistas:

- Primeiro, nega a fase superior do capitalismo como sendo a fase da fusão do capital industrial e bancário na origem do capital financeiro.

- Em segundo, nosso ilustre nos remete no lugar do entrave da propriedade privada dos meios de produção nas origens das epidemias das crises de superprodução como sustentado no manifesto Comunista de Marx e Engels para dar origem a uma especulação idealista de uma nova teoria de um novo imperialismo de uma tal sobreacumulação. Com esta forma mágica coloca nas conseqüências a raiz dos problemas, negando assim, a análise materialista da realidade.
- Em um terceiro escamoteamento dos conceitos marxista o autor remete a territorialização (Estado Nação) como sendo o sustentáculo teórico do novo Imperialismo capitalista.

“Como poderia então o problema da sobreacumulação e da necessidade de uma ordenação espaço-temporal [spatio-temporal fix] encontrar uma resposta política adequada com base na nação-Estado. Essa resposta consistiu em mobilizar nacionalismo, jingoísmo [patriotismo chauvinista], patriotismo e, sobretudo, racismo para servir de base a um projeto imperial no qual os capitais nacionais – e dessa vez havia uma coerência plausível entre a escala do empreendimento capitalista e a escala de ação das nações-Estado – pudessem assumir a liderança. Isso como assinala Arendt, significou a suspensão da luta de classes interna e a reconstrução de uma aliança entre aquilo que ela chama de “o populacho” [mob] e o capital no âmbito da nação-Estado. “Isto se afigurou tão antinatural em termos marxistas”, observa ela, “que os reais perigos da investida imperialista – de dividir a humanidade em raças de senhores e raças de escravos em linhagens superiores e linhagens inferiores, em homens de cor e homens brancos, tudo isso esforços para unificar o povo com base no populacho – foram completamente desconsiderados.” Pode haver, diz ela, “um abismo entre nacionalismo e imperialismo” na teoria, “mas, na prática, ele pode e tem sido superado pelo nacionalismo tribal e pelo racismo puro e simples”. Não era naturalmente inevitável que esse fosse o resultado real. Seja como for, a luta contra isso acabou por fracassar, como demonstrou bem dramaticamente o colapso da Segunda Internacional Socialista quando cada ramo nacional seu se dispôs a apoiar seus respectivos países na guerra de 1914- 1918. As conseqüências foram sobremodo terrificantes. Desenvolveu-se uma variedade de imperialismos burgueses fundados na nação e, por conseguinte de caráter racista (britânico, francês, alemão, italiano): Afloraram também imperialismo de motivação industrial mas não burgueses no Japão e na Rússia. Todos esses imperialismos esposavam suas próprias doutrinas particulares de superioridade racial, a que se conferiu uma credibilidade pseudocientífica com base no darwinismo social e, de modo geral, passaram e ver a si mesmos como entidades orgânicas presas a uma luta pela sobrevivência com outras nações-Estados. O racismo, que havia longo tempo espreitava nos bastidores, passou então ao primeiro plano do pensamento político. ”Isso legitimou convenientemente a passagem àquilo que chamo no capítulo 4 de “acumulação via espoliação” (de bárbaros, selvagens e inferiores que fracassaram em criar a adequada combinação entre trabalho e terra) e à extração de tributos das colônias em algumas das formas mais opressivas e violentamente exploradoras de imperialismo já inventadas (sendo as formas belga e japonesa talvez as mais viciosas de todas). É também importante ver, como defende Arendt, o nazismo e o Holocausto como algo inteiramente compreensível no âmbito dessa trajetória histórico-geográfica, ainda que de modo algum determinados por ela” – página 44/45.

Como vemos o revisionismo é tamanho: o fascismo/nazismo não é resultado da crise de super-produção e modo de produção capitalista e sim, de uma questão nacionalista e de raça, que confusamente minimizaria a luta de classes, ficando esta no campo do darwinismo social (podemos qualificar este, de barbárie e nisto o ator se elevaria, desde que concluindo com o fim da propriedade privada dos meios de produção). A consigna de Socialismo ou barbárie é trocada por uma administração do capital em termos de Nação Estado, considerando o nacionalismo e o racismo.

Adquiram os próximos números sobre estes debates.

As distorções de Marx em nome do mesmo

Em palestra de lançamento da publicação de Ideologia Alemã, Karl Marx e Friedrich Engels – BOITEMPO, Editorial (2007) em 15-12-2007 no Auditório da FAFIL (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Centro Universitário Fundação Santo André), os palestrantes (professores do curso de Ciências Sociais daquela Instituição e membros de uma corrente política reivindicatória do Estatuto Ontológico de Marx, seguidores de Georg Bernhard Lukács von Szegedin, José Chasin e Meszáros), coerente com as idéias dos teóricos acima citados afirmaram uma série de distorções de Marx e nome do mesmo, vejamos:

Negaram categoricamente o Materialismo histórico e Dialético por segundo eles não conter uma frase nas obras de Marx e Engels que remeta a tais conceitos;

Negaram a necessidade do Estado operário em nome da organização autônoma do proletariado;

Negaram a necessidade do Partido, visto que, segundo eles Marx o negou na defesa dos trabalhadores livremente associados;

Negaram a teoria em nome do pratico/teórico;

Negaram a base material da sociedade como sendo o resultado do desenvolvimento dos meios de produção e as relações de produção em um momento histórico dado e os remeteram aos seres sociais vivos.

Nota: O Proletário já estudou sobre estes teóricos do humanismo/bakuninanos de roupagem marxista, ver Proletário de número 62 dedicado as polemicas destes autores.

O Esporte como recurso para apaziguar as massas e para a conciliação de classes

É inegável o papel do esporte como apaziguador das massas, ou como pretensamente o intitulam – desintegrador das diferenças. Há ainda quem o mencione como unificador das culturas, elo entre os povos.

Tantas atribuições são veneradas ao esporte, justamente por sua característica digna e necessária à todo o ser humano. Mas falemos claramente, desde quando a mídia interessa-se em promover algo que valorize o “homem” enquanto ser humano?

Sabemos já da nítida distinção entre o esporte de elite e esporte popular. A classe alta, mesmo durante a prática esportiva que resulta sempre em cansaço físico e expõe suas fragilidades, apresenta ainda assim um comportamento fino, e uma indumentária bem cuidada, jamais se expõem ao ridículo. Mas, quando trata-se

da prática esportiva das classes baixas, vemos sempre em destaque o uso da força bruta, logo, as práticas esportiva mais difundidas são as lutas, como box ou as corridas e maratonas. Fica evidente, que a classe alta com suas técnicas esportivas e sua fineza difundem seus padrões de estética, determinando qual modalidade esportiva merece maior ou menor prioridade e destaque.

Como não bastasse esta distinção de classes nas práticas esportiva, ainda o esporte de baixo custo sofre com as taxas e a escassez de recursos para seu eventual desempenho.

Para o esportista sentir-se contemplado, necessita entrar no mercado de consumo, e convenhamos, consumo ilimitado. Até mesmo na reposição de líquidos encontramos design avançados de

garrafas d'água. A satisfação dos aparatos esportivos nunca é atingida. Ah! Mas e o esporte de elite? Não, este definitivamente exclui com cartão vermelho a classe C e D.

Agora vejamos o quão dócil é o “Estado”, que tendo se apropriado de enormes espaços territoriais, quando destina uma *quadra esportiva* ou *espaço cultural* à população pobre, manda conjuntamente um comitê de abutres que aproveitam a circulação de eleitores, para promover suas campanhas. Ora, o esportista pobre, nunca é digno de merecimento próprio, entendem eles, é sempre mais um favorecido pela política pública em prol dos desventurados. E como sina, ainda é obrigado a levar pelo resto de sua vida, quando bem sucedido, a bandeira de sua cidade. Sua ascensão se deve ao protecionismo político, sendo sua promoção individual, excluindo muitas vezes de seu mundo a própria família.

Mas quem não deseja ser “bem sucedido”? Daí, a manipulação do governo. Destina suas ilusórias verbas apenas às modalidades esportivas que lhe conferem prestígio, e logicamente àqueles praticantes que atendem suas exigências.

Como fica então a prática do esporte identidade cultural, ou por simples lazer ou hobby? Não fica. Não está escrita e tão pouco garantida em lugar algum.

O sistema perpetua e propagandeia as práticas esportivas que repercutem em

seu proveito próprio, ou seja, que alguma forma venha lhe favorecer diretamente.

Os subsídios destinados pelo governo estão sempre destinados à alguma instituição burguesa que de algum modo dissemina suas principais idéias. Como pode-se então, encontrar uma prática esportiva livre de manipulações ou de esvaziamento cultural?

O atleta ou amador pratica a modalidade esportiva em destaque, mas não se pergunta o porquê daquela promoção, nem sequer tem noção do quanto aquela atividade já foi domesticada pelas mãos de seu tutor. Deixa-se então dominar corporalmente, já estando uma vez dominado mentalmente pela ideologia sufocante do sistema capitalista.

Se soubéssemos o quanto já nos foram roubado da cultura, e do prazer, de simplesmente cultivar o corpo e obter uma saúde física, nos chocaríamos ao ouvir a simples menção de Ministério do Desporto. Institucionalizaram de tal forma as modalidades esportivas que tudo o que for feito longe dos olhos do sistema é considerado, crime, vulgarização ou ignorância.

Quando na verdade é o contrário que acontece, só resgatam das culturas o exótico, aquilo que se pode atribuir valor para consumo imediato e principalmente tudo aquilo que sirva para aprisionar o homem e possa manter a ordem capitalista.

Próximas Atividades

- Discussão sobre o livro “A Dialética da Natureza”, de F. Engels, dia 3 de fevereiro de 2008, das 9h às 17h, no Galpão da Associação Oeste;
- Atividade de discussão sobre o internacionalismo proletário e a construção do partido marxista, com início às 19 horas do dia 16 de fevereiro de 2008, no Galpão da Associação Oeste.

Publicamos a seguir proposta de declaração e posicionamento político apresentado pela FLT ao POM e a todas as Organizações do Proletariado Internacional combativas.

De nossa parte temos divergências em vários pontos, mas achamos excelente um posicionamento e a realização de um Congresso Continental e o conseqüente chamado ao armamento do proletariado para enfrentar o golpe fascista que se deslumbra. Temos afirmado que a situação de Bolívia, apesar de ter este País as condições melhores da América para a tomada do poder pelo proletariado, com o Governo Frente popular de Morales a história já aponta as conseqüências possíveis.

Chamado de emergência às organizações operárias de todo o continente

Na Bolívia, a revolução operária e camponesa foi desapropriada pela revolução “bolivariana”, essa caricatura de revolução

É preciso conquistar imediatamente na Bolívia um CONGRESSO CONTINENTAL DE TODAS As ORGANIZAÇÕES OPERÁRIAS QUE ROMPAM COM A BURGUESIA

Para que todas as forças do proletariado latino-americano estejam a serviço de esmagar ao fascismo e de recuperar a revolução operária e camponesa que fora expropriada pelo governo de Morales!

Sob as condições da nova crise da economia mundial capitalista que começou, e que marcam que sobram potências imperialistas no planeta, têm recrudescido enormemente as disputas interimperialistas pelo controle das fontes de matérias primas e mão de obra barata. Isto é o que está na profundidade da ruptura burguesa na Bolívia, onde os diferentes monopólios imperialistas disputam a dentadas o controle dos hidrocarbonetos. Não é uma questão menor: quem controla o gás boliviano, controla em grande parte a produção das multinacionais em todo o Cone Sul, produção alimentada pelos hidrocarbonetos bolivianos.

Isso é o que explica a fervura na divisão e ruptura burguesa, com a burguesia da Meia Lua – associada à British Petróleo e à Exxon – que tem suas bandas fascistas atuando nas ruas se prepara para declarar a “autonomia”, proclamando governadores e prefeitos, e dotando-se cada um dos departamentos por ela dominados de

estatutos e polícia própria; enquanto o governo de Morales sócio à Totalfina – da que é representante o vice-presidente Linera –, aliado à casta de oficiais do exército e apoiado pela direção da COB e restantes direções colaboracionistas que submetem ao proletariado a esta fração da burguesia, vem impor sua Constituinte burguesa, ameaça com palavras em mandar o exército a pôr “ordem” na Meia Lua, ao mesmo tempo em que procura avidamente pactuar com ela.

A disputa pelo gás e o petróleo boliviano está aberta. As frações burguesas, as multinacionais e as petroleiras competem ferozmente. Assim, enquanto Chávez, Morales e a Repsol planificam a construção do gasoduto do sul; a Petrobrás e a Totalfina, com a Bachelet e Lula como Mascados de Proa, junto com a British, já pactuaram e planificado a construção do gasoduto interatlântico que garanta a distribuição do gás ao Brasil e ao Chile. As frações burguesas bolivianas escondem

seus negócios com as multinacionais no saque da Bolívia, depois das disputas na constituinte e nos plebiscitos autonômicos. Uma aberta luta pelo botim, depois que a frente popular expropriou a heróica revolução de operários e camponeses que começou no 2003. A direção da COB, aliada a seu amigo Morales, pôs o proletariado boliviano aos pés de uma fração da burguesia. Enquanto, as diferentes COR e COD estão cada uma delas submetidas às frações burguesas, seja da Meia Lua ou de Morales, e dividiram o movimento operário boliviano.

Depois de Kirchner, Lula, Bachelet, Morales e Chávez, escondem-se enormes negócios e sociedades dos exploradores, onde “O gás para os bolivianos!” nada mais é do que uma recordação que tentam apagar da consciência de milhões de explorados, desejo e anseio das massas que só se podia conquistar com o triunfo da ditadura do proletariado e com um governo operário e camponês revolucionário.

A questão Boliviana, que implica a todas as burguesias e multinacionais do Cone Sul, merece toda a preocupação e atendimento de todos os operários conscientes do continente. As forças do proletariado que incendiava América Latina com seus embates revolucionários antiimperialistas a princípios do século XXI foram postas aos pés da burguesia com essa caricatura e engano da revolução bolivariana. Do desfecho da revolução boliviana dependerá não só os maus ou bons negócios da burguesia, senão também e, sobretudo, dependerá o futuro da classe operária latino-americana. Ali concentraram todas suas forças a reação da frente popular e essa cova de bandidos do Fórum Social Mundial, e também concentrou suas forças todo o plano da contra-revolução imperialista mundial. O proletariado boliviano foi levado a abandonar a cena por sua direção. Todas as forças do proletariado americano e mundial devem estar postas a serviço de romper os grilhões com os quais submeteram à heróica classe operária boliviana.

Em todo o continente americano, a pérfida política de colaboração de classes do Fórum Social Mundial desviou e controlou a ascensão operária, e fortaleceu a ação da burguesia e a reação.

É indubitável que as multinacionais e as frações da burguesia boliviana têm a seu favor o fato de que estão transitando esta crise, nos momentos em que a classe operária e os explorados da América Latina e também da América do Norte, foram sacados das ruas e da luta pela ação das direções traidoras e reformistas de todo pelagem agrupadas no Fórum Social Mundial – incluídos os renegados do trotskismo – impulsionadores desse roubo que é a “revolução bolivariana”, que a submeteram, em todo o continente, a suas respectivas burguesias.

Foram eles os quais, nos **Estados Unidos**, expropriaram a luta contra a guerra da classe operária norte-americana, pondo-a aos pés dos açougueiros imperialistas do Partido Democrata. Na **Venezuela**, o resultado da revolução “bolivariana” – isto é, da expropriação da luta antiimperialista das massas – e desse roubo do “socialismo do século XXI” tão louvadas pelos renegados do trotskismo que se fizeram “chavistas da primeira hora”, está à vista: Chávez não tocou nem um só interesse do imperialismo, nem das 31 famílias que junto com as multinacionais, controlam a economia venezuelana. Milhões de barris de petróleo seguem alimentando todos os dias o imperialismo ianque que massacra no Iraque e no Afeganistão, e milhares de milhões de petrodólares venezuelanos chegam diariamente à Bolsa de Wall Street. Para a classe operária e os explorados, a única coisa que há são salários de miséria, escassez de alimentos básicos, uma inflação galopante, altíssima desocupação, déficit de moradias... e paus e repressão quando saem a lutar por seus direitos, como sucedeu com os operários petroleiros em luta salarial. Por isso, não surpreende que, como mostrou o último referendun com o qual Chávez

pretendia legitimizar uma reforma constitucional bonapartista que impunha mais mecanismos de controle das massas, mais de três milhões de operários e explorados não foram votar, marcando que começou um processo de ruptura de faixas da classe operária com esse governo burguês.

É que se ganhava o Sim, dava-lhe garantias à propriedade privada, às leis de patente dos ianques e à estatização profunda das organizações das massas. E se triunfava o Não, nesta impostura do plebiscito, garantia-se o mesmo: que a propriedade das multinacionais não se tocasse, nem que também não se toquem os grandes bancos, nem nenhuma propriedade imperialista e de todos os exploradores. É que o proletariado submetido à burguesia nacional e a seus negócios, só permite que se fortaleça o Não da reação e o imperialismo, enquanto os que seguem igual ou pior que antes são as massas, desmascarando todo o charlatanismo da burguesia nativa.

Foi a ação do Fórum Social Mundial o que permitiu que hoje o imperialismo e a burguesia estejam conseguindo no **Equador**, da mão de Correa e sua armadilha de Assembléia constituinte, começar a estabilidade o domínio burguês e o regime, depois de dez anos de luta revolucionária das massas que colocaram abaixo três presidentes.

As forças do Fórum Social Mundial, incluídos os renegados do trotskismo, são os que **estrangularam a revolução argentina do 2001**, sustentando junto a Chávez e a Fidel Castro, ao governo antioperário, sipaio e repressor de Kirchner. São esse ajuntamento de stalinistas e renegados do trotskismo transformados em nova burocracia sindical “de esquerda”, uma verdadeira quarta pata que, como agente do ministro de trabalho Tomada e impulsionando “frentes democráticas” com padrões pretensamente “bons”, sustenta o regime infame do pacto social com os sindicatos estatizados e nos pistoleiros da burocracia sindical da CGT e a CTA. São os que, abortando todas as tentativas da

classe operária argentina de derrotar o pacto social, abriram o caminho à continuidade do kirchnerato na presidência de Cristina Fernández que assume – também apoiada por Chávez e a burocracia castrista – no meio de um redobrado ataque patronal que procura aprofundar a escravatura operária, o roubo ao bolso dos trabalhadores já saqueado pela inflação, e a entrega da nação.

No **Brasil**, o PSOL e o PSTU – com uma frente eleitoral, e o segundo, constituindo CONLUTAS como uma nova central sindical estatizada – foram os encarregados de impedir que milhões de operários que rompiam com o governo de Lula e o PT, e com a burocracia da CUT, avançassem num caminho revolucionário. No **Chile**, onde a classe operária e a juventude rebelde se levantaram contra o regime cívico-militar do TLC, o governo de Bachelet e também contra os “pacos vermelhos” do PC, foram as correntes populistas como o **FPMR**, unidas com os mao-castristas do PC-AP e com os renegados do trotskismo na “Coordenadora do protesto popular”, as que fecharam o caminho à greve geral.

Na Bolívia se joga hoje o destino do proletariado e os explorados da América Latina.

Hoje, do resultado dos cruciais acontecimentos que sacodem a Bolívia nos que se está definindo o destino histórico da grande revolução que começassem a classe operária e os camponeses pobres, depende em grande parte o futuro do proletariado e os explorados da América Latina.

Se uma vez mais, o imperialismo e as distintas frações da burguesia, conseguem impor sua saída à situação atual – seja com um novo pacto MAS-PODEMOS nascido do referendun revogatório; seja com uma blindagem do governo de Morales que, apoiado na casta de oficiais, erija-se como árbitro entre as frações burguesas para impedir um novo embate revolucionário das massas; ou bem,

diretamente com o fascismo esmagando às massas –, o resultado será uma nova tragédia para o proletariado boliviano, o fortalecimento do imperialismo na América Latina e a estabilização de todos os regimes e governos sipaios da região.

Esta é a ameaça que pende sobre os trabalhadores da Bolívia e da América Latina! E não duvidar que, se os operários e camponeses bolivianos são achatados pelo fascismo, se terá conseguido apagar o último rescaldo da revolução no continente, e o imperialismo ianque poderá passar à ofensiva para redobrar a sujeição de seu quintal traseiro. E não duvidar, que seu primeiro objetivo será impor uma derrota histórica ao proletariado de todo o continente, consumando a **restauração capitalista em Cuba**, da mão da burocracia castrista – que já preparou sua reciclagem em burguesia enriquecendo-se a olhos nu mediante sua associação em joint “ventures” com os monopólios imperialistas – e, inclusive, com a própria burguesia gusana de Miami entrando à carreira por recuperar o que a revolução lhe expropriou.

Por isso, o combate para romper toda subordinação à burguesia, para esmagar o fascismo e para que a revolução operária e camponesa na Bolívia volte a pôr-se de pé, não é uma tarefa unicamente de nossos irmãos de classe da Bolívia, senão de todo o proletariado do continente e de suas organizações operárias. **Porque as forças da classe operária boliviana para esmagar o fascismo não estão na unidade com o governo de Morales, a burguesia nativa e a casta de oficiais assassina do exército. Pelo contrário, essa unidade reduz suas forças a zero. As forças do proletariado boliviano estão na unidade com seus verdadeiros aliados, a classe operária do Chile, Brasil, Argentina, Venezuela, México e, sobretudo, nesse poderoso batalhão que é o proletariado norte-americano, a condição de romper toda subordinação à burguesia.**

Mas, igual que na Bolívia, o **primeiro requisito para poder pôr todas as forças**

proletárias da América Latina a serviço da luta de nossos irmãos bolivianos, é romper a subordinação às respectivas burguesias que as direções traidoras e reformistas do Fórum Social Mundial impuseram a nossas organizações operárias.

O Congresso da COB e CONLUTAS para Agosto: uma nova e enorme impostura na contramão da unidade do proletariado latino-americano para recuperar a revolução boliviana.

Longe disso, as forças dos renegados do trotskismo no continente se puseram de pé para sustentar à burocracia colaboracionista da COB que ata classe operária boliviana ao governo de Morales. Assim, a corrente lambertista, agrupada na chamada “Associação Internacional dos Trabalhadores” e que, com burocratas sindicais como Julio Turra do Brasil que faz parte da executiva da CUT nesse país e é claramente um agente e representante dos interesses do imperialismo francês e da Totalfina – à que se associou a Petrobrás – estão convocando para março de 2008, e junto com dirigentes da FSTMB, ao II Encontro Continental que se fará esta vez no México. O I Encontro que se realizasse a princípios de agosto de 2005 em La Paz, cumpriu seu objetivo: sustentar à burocracia da COB para que esta, a sua vez, sacasse das ruas ao proletariado que vinha de derrocar a Mesa e o pusesse aos pés de Evo Morales que se preparava a ganhar as eleições.

A sua vez, os renegados do trotskismo da LIT e o PSTU – depois de ter dito aos trabalhadores que votando nesse roubo que foi o “plebiscito popular” convocado pela CUT e apoiado pelo CONLUTAS, podiam-se parar a privatizações e o ataque do governo de Lula contra os trabalhadores – chamam também para julho de 2008 no Brasil, a um “Encontro latino-americano e caribenho de trabalhadores” impulsionado pelo CONLUTAS junto à burocracia da COB

boliviana que está submetendo a classe operária ao governo de colaboração de classes de Morales e traindo assim a revolução iniciada em 2003 e 2005. Por isso, esse “Encontro” será um novo roubo contra a aguerrida e combativa classe operária latino-americana que semeou de combates e revoluções o continente a princípios do século XXI.

Mas, ademais, quando na Bolívia o fascismo levanta cabeça e ameaça em afogar num banho de sangue, hoje, já mesmo, aos operários e camponeses, estes renegados do trotskismo chamam a realizar seus Encontros respectivos... em março e em julho de 2008, no México e no Brasil respectivamente, isto é, todos o mais longe possível da Bolívia e o mais longe possível no tempo dos atuais e definidores acontecimentos que vive esse país!

Tanto os lambertistas como os renegados do trotskismo da LIT e o PSTU, preparam grandes “Encontros...” nos quais, como já é um costume dos reformistas, não terá nem um ápice de democracia operária, senão que neles se agruparão e resolverão os dirigentes, às costas das massas e contra elas. Os dois “Encontros...” não são mais do que a expressão do que, quando os ex-fundadores e personagens do Fórum Social Mundial, como Lula, Tabaré Vázquez, Correa e Evo Morales estão encabeçando os regimes e governos burgueses da América Latina e comandando os ataques contra as massas, o “ala esquerda” do dito Fórum, conformada por um ajuntamento de refugos do stalinismo, populistas e renegados do trotskismo sob o comando de Chávez, Fidel Castro e Celia Hart, é a encarregada de pôr em pé novos diques de contenção para evitar toda rebelião dos explorados contra ditos governos e impedir que voltem a detonar os gritos de guerra da revolução latino-americana e, sobretudo, da classe operária revolucionária do Cone Sul.

Estamos frente a um verdadeiro pacto entre o PSTU e a burocracia lechínista da COB, amiga de Morales. A isto o chamam congresso antiimperialista e unidade dos trabalhadores latino-americanos? Para os

trotskistas isto é um “comitê anglo-russo” – como o que fizesse Stalin em 1927 para derrotar a greve dos trabalhadores ingleses – uma verdadeira frente única de cúpula para sustentar e legitimar a direção da COB desde já até julho, sujando as limpas bandeiras do trotskismo, para que termine de expropriar a revolução boliviana submetendo-a à burguesia.

Por que não realizam já esses Encontros na Bolívia, chamando às organizações operárias de todo o continente a mandar seus delegados a esse país para, junto com os operários e camponeses pobres, pôr em pé a milícia operária para esmagar ao fascismo? Por que a CONLUTAS não chama a todas as organizações operárias da América Latina a reunir-se imediatamente em La Paz nesse Congresso, para impor a ruptura da COB com a burguesia e com o governo de frente popular de Morales, e para garantir que todas as forças das organizações operárias do continente estejam a serviço de combater na Bolívia o fascismo que, se não é esmagando hoje ali, amanhã se estenderá pelo resto do Cone Sul?

É claro: porque os renegados do trotskismo se passaram ao campo da reforma e são hoje os encarregados de aplicar a velha política de colaboração de classes do stalinismo, de subordinar a classe operária à burguesia. Por isso são inimigos de convocar um verdadeiro Congresso continental de organizações operárias, de delegados de base com mandato, no qual reine a mais ampla democracia operária, para romper com a burguesia e pôr todas as forças proletárias do continente o serviço da luta de nossos irmãos de classe bolivianos que batalham por recuperar a revolução que lhes foi expropriada.

É preciso pôr em pé já na Bolívia um Congresso continental de todas as organizações operárias que rompem com a burguesia, para que todas as forças do proletariado latino-americano estejam a serviço de esmagar o fascismo e de recuperar a revolução operária e camponesa

que fora expropriada pelo governo de Morales!

Não há tempo a perder! Se a classe operária boliviana não consegue romper a subordinação à burguesia que suas direções colaboracionistas lhe impuseram, terminará, ou bem subjugada sob um novo pacto de Morales e o MAS com a Rosca, ou bem, diretamente esmagada pelo fascismo que já se pôs de pé.

Fazemos então um chamado de emergência a todas as organizações operárias do continente: **é preciso romper toda subordinação da classe operária norte-americana ao Partido Democrata; da classe operária venezuelana ao governo burguês de Chávez; da classe operária argentina ao kirchnerato e à Frente para a Vitória; da classe operária brasileira ao governo sipaio e pró-imperialista de Lula!**

É preciso pôr em pé já, na Bolívia, um Congresso latino-americano de todas as organizações operárias que rompam com a burguesia, para que todas as forças do continente estejam a serviço de esmagar o fascismo e de recuperar a revolução operária e camponesa que fora expropriada pelo governo de Morales!

Um congresso operário latino-americano que seja um ariete e um baluarte da luta por conquistar a milícia operária da COB e as centrais camponesas para esmagar o fascismo, por comitês de soldados que desobedeçam a seus oficiais e se organizem junto aos explorados, e por que se ponha em pé uma Assembléia Nacional popular originária para recuperar a revolução expropriada e voltar a pôr em pé o poder armado dos operários e os camponeses pobres. Um Congresso operário continental que declare guerra à farsa da revolução “bolivariana”, e ponha todas suas forças ao serviço do triunfo da revolução operária e socialista na Bolívia e a imposição de um governo provisório revolucionário operário e do campesinato pobre, apoiado na auto-organização e o armamento das massas, único capaz de

romper com o imperialismo, distribuir terra aos camponeses, o pão ao operário e o gás aos bolivianos, e de liquidar definitivamente à rosca, aos fascistas e aos saqueadores da nação boliviana. Unicamente assim, lutando pelo triunfo da revolução operária e socialista na Bolívia, como um elo da revolução latino-americana, norte-americana e mundial, poderá este Congresso operário ser efetivamente uma ferramenta de combate pela unidade do proletariado da América Latina.

Chamamos então, em primeiro lugar, **à vanguarda do proletariado boliviano, aos mineiros de Huanuni – que hoje mastigam sua justa bronca por ser levados por suas direções a mobilizações em apoio a Morales e a sua constituinte manhosa–, aos operários revolucionários do Alto, aos trabalhadores fabris de La Paz, à vanguarda proletária e os camponeses pobres que se sublevaram em Cochabamba, aos estudantes combativos** que lutam por derrotar à rosca professoral e por uma Universidade a serviço da luta pela revolução proletária, a coordenar já suas forças na Bolívia e a lançar imediatamente um chamado a todas as organizações operárias do continente a pôr em pé já na Bolívia este congresso operário continental.

Chamamos à classe operária brasileira e a sua vanguarda combativa, que procurando um caminho revolucionário, rompeu com a burocracia da CUT e se agrupou em CONLUTAS; aos milhões de operários e explorados venezuelanos que, com certo instinto de classe e com grande perspicácia, negaram-se a entrar na armadilha do referendun de Chávez; aos operários do pescado de Mar do Prata e de Comodoro Rivadavia, aos marinheiros de Porto Desejado e a todos os operários de Argentina que resistem ao ataque do kirchnerato e enfrentam à traidora burocracia sindical da CGT e a CTA, e também aos agentes “de

esquerda” de Tomada em que têm se transformado os renegados do trotskismo; chamamos aos mineiros do Tenente, aos operários florestais, à juventude sublevada do Chile; a que tomem em suas mãos este apelo e este combate por conquistar este Congresso operário latino-americano na Bolívia.

Chamamos, em especial, a tomar em suas mãos este chamado e este combate, **à vanguarda do proletariado norte-americano** que batalha por voltar a ganhar as ruas em luta contra a guerra do Iraque, em defesa de suas conquistas e seus salários brutalmente atacados e pelos direitos dos operários imigrantes. Se o fascismo esmaga os heróicos operários e camponeses bolivianos, a burguesia imperialista ianque se fortalecerá para redobrar sua ofensiva não só contra as nações da América Latina, não só consumando a restauração capitalista em Cuba, senão contra o próprio proletariado norte-americano.

O que precisam a classe operária boliviana e latino-americana, é um Partido revolucionário internacionalista que unifique o combate do proletariado de todo o continente. É preciso pôr em pé, como parte da luta por refundar o partido mundial da revolução socialista sob o programa e o legado do congresso de fundação da IV Internacional em 1938!

A Fração Leninista Trotskista se juramentó, desde sua fundação, a pôr 100% de suas forças a serviço do triunfo da heróica revolução que os operários e camponeses bolivianos tinham iniciado em 2003. Assim, impulsionamos no Brasil um pólo com um programa das tarefas internacionalistas da classe operária brasileira para romper o cerco econômico, político e militar que os governos burgueses da região, sócios menores das transnacionais, tem imposto à revolução boliviana. Este pólo interveio audazmente entre a vanguarda operária na CONLUTAS. Ali, este pólo enfrentou a política do PSTU - que, da mão de Petras e Celia Hart e

centralizado pela burocracia castrista restauracionista, controlou CONLUTAS -, de apoiar a “nacionalização dos hidrocarbonetos” fantoche impulsionada por Evo Morales, e de limitar-se a exercer uma pressão “por esquerda” sobre o governo pró-imperialista e antioperário de Lula que, com Petrobrás como testa de ferro e sócia da Totalfina, participa do saque do gás boliviano.

Impulsionamos também o combate por romper o cerco à revolução boliviana no Chile, cuja burguesia é sócia menor da British Petróleo, e tinha pactado com Goni e a Rosca roubar-se o gás boliviano pela via do Pacífico, através do Chile. A revolução operária e camponesa que derrocou a Goni, frustrou seus planos. Hoje, a British Petroleum, a burguesia chilena e seu sanguinário exército pinochetista armado até os dentes pelo imperialismo anglo-ianque, alinharam-se com a burguesia fascista da Meia Lua, e não lhes tremerá o pulso, se for necessário para garantir o negócio dos hidrocarbonetos, em impulsionar a partição da Bolívia e afogar num banho de sangue os explorados.

Na Argentina, a vanguarda operária tinha conquistado um reagrupamento que se localizou na barricada do combate pela revolução boliviana e contra o governo de Morales. Este reagrupamento marchou enfrentando, em novembro de 2005, a “Cúpula das Américas” e o roubo da “Cúpula dos Povos” que se realizavam em Mar del Prata, e onde Evo Morales era entronado pelo Fórum Social Mundial para que expropriasse a revolução operária e camponesa. Em Outubro de 2006, ganhamos as ruas marchando à embaixada boliviana em apoio aos heróicos mineiros de Huanuni que eram atacados pelas hordas dos patrões cooperativistas mandados por Morales.

Hoje, é responsabilidade do FUBADEyO que integrava esse pólo, explicar por que renegou deste combate e este programa, e desertou da trincheira da revolução operária e camponesa na Bolívia.

Devem explicar por que, mal receberam algumas ameaças do estado burguês de encarcerar a seus dirigentes, correram a aliar-se com os maoístas - castristas do PCR e sua burocracia piquetera impulsora do “socialismo de mercado” e administradora da miséria. Devem render contas ante a vanguarda proletária, porque se localizaram hoje na trincheira do governo burguês de Morales, o MAS, a casta de oficiais e a direção colaboracionista da COB que subordina aos operários a este setor da burguesia, e na trincheira da revolução “bolivariana” e de Chávez, justo no momento em que três milhões de operários e explorados começam um processo de ruptura com esse governo burguês.

Tal como dissera Trotsky há mais de 60 anos, *“Há muitos mais reformistas que revolucionários no planeta. Bem mais adaptados do que irredutíveis. Precisam-se épocas excepcionais na história para do que os revolucionários saiam de seu isolamento e para do que os reformistas façam o papel de peixes fora da água”* (A revolução traída, 1936). Hoje, as contradições explosivas que se incubam na situação mundial ao calor da nova crise da economia mundial que começou, e os agudíssimos e convulsivos acontecimentos da Bolívia, não deixam nem deixarão viver em paz aos que, falando em nome do proletariado, desertam de seu combate. Pelo contrário, desde a FLT, não mudamos o rumo, não mudamos nossa trincheira, não cedemos aos cantos de sereia da frente popular nem ao terror do fascismo, e mantemos vivo este combate, que hoje continua no chamado a pôr em pé já um Congresso operário latino-americano para romper com a burguesia, para romper com o fantoche da revolução “bolivariana”, para pôr todas as forças a serviço de nossos irmãos de classe bolivianos, e para dar um passo decisivo em conquistar o que verdadeiramente precisam a classe operária boliviana para poder recuperar sua revolução e o proletariado de toda América, para triunfar: **um Partido revolucionário**

internacionalista que unifique o combate do proletariado de todo o continente.

Nada tem a ver este partido revolucionário latino-americano com os novos engendros e agrupamentos que os reformistas estão pondo em pé no continente como novos diques para conter todo vislumbre de radicalização e luta revolucionária das massas. Nada tem a ver com os reagrupamentos daqueles que durante o último lustro se prostaram ante Chávez e sua “revolução bolivariana”, e que hoje se preparam, com movimentos “por um partido de trabalhadores”, ou com propostas de frente “de esquerda” para conter aos milhões de operários que começaram um processo de ruptura com esse governo nacionalista burguês. Nada tem a ver com os reagrupamentos da nova “esquerda” reunida sob a batuta de Celia Hart e o mandelismo, que continua apoiando a Chávez, que no Brasil com o PSOL e Heloisa Helena levanta programas desenvolvimentistas burgueses, que em Argentina, pela boca de Vilma Ripoll, felicita a Cristina Kirchner como “mulher” por chegar à presidência, manifesta sua admiração a esta presidente burguesa por ser “militante” e lhe deseja “sucessos em sua gestão”. Nada tem nem terá a ver com aqueles que chamam o POR de Lora, servente da burocracia da COB e da casta de oficiais, e à LIT – que chamou a votar por um governo burguês como o de Lula – a constituir um partido comum em Venezuela... em nome da independência “de classe”!

Desde a FLT, lutamos por pôr em pé um partido revolucionário latino-americano que seja capaz de unificar e estender a luta da classe operária e a juventude chilenas contra os “pacos vermelhos” do PC, enfrentando o populismo que vem salvar o regime e a Bachelet da greve geral. Um partido que coordene a luta contra as direções colaboracionistas da COB e contra o POR de Lora na Bolívia, para que a classe operária, acaudilhando os camponeses pobres, possa recuperar sua revolução e

levá-la ao triunfo, com o combate para impedir que a vanguarda operária combativa do Brasil seja levada pelo PSTU à armadilha de novos “encontros continentais” com uma política de colaboração de classes. Um partido que centralize a luta dos operários conscientes na Argentina contra a esquerda reformista servente de Tomada, e que se ponha à cabeça da luta por um reagrupamento revolucionário da vanguarda proletária que rompa com Chávez em Venezuela. Um partido latino-americano capaz de unificar a luta da classe operária da América Latina submetida pelo jugo imperialista, com a de seus irmãos de classe dos Estados Unidos e da juventude operária francesa que volta a levantar-se ao grito de “Todas as noites faremos de Paris uma Bagdá”. Um partido que, sobretudo, seja capaz de unir todas as forças proletárias do continente em defesa das conquistas da revolução cubana, lutando pela revolução política contra a burocracia castrista restauracionista.

Este é o combate que tomamos em nossas mãos que integramos a FLT. Por isso, lutamos por um novo Zimmerwald e Kienthal do século XXI, uma Conferência Internacional que, sobre a base das lições e o programa revolucionário frente à revolução boliviana e aos acontecimentos mais agudos da luta de classes mundial, sobre a base de um combate implacável contra toda política de colaboração de classes e contra todas as direções traidoras e reformistas, reagrupe às forças sãs do trotskismo e às organizações operárias revolucionárias. Um reagrupamento assim poderá avançar em completar a tarefa de unificar ao proletariado da América, desde Alaska até Terra do Fogo, mediante este partido revolucionário latino-americano, como parte da luta por voltar a pôr em pé o partido mundial da revolução socialista sobre a base do programa e o legado da IV Internacional de seu congresso de fundação em 1938.

Secretariado da Coordenação e Ação Internacional da FLT